

g1.globo.com

A imensidão de Tom Jobim é soberana na cena de excelente musical de teatro sobre a arte maior do maestro do Brasil | G1

Por Mauro Ferreira

6-8 minutos

Texto: **Nelson Motta** e **Pedro Brício**

Direção: **João Fonseca**

Direção musical: **Thiago Gimenes**

Data e local: 25 de outubro de 2024 no Teatro Casa Grande (Rio de Janeiro, RJ)

🎵 Como expor a imensidão da vida e da obra de Antonio Carlos Jobim (25 de janeiro de 1927 – 8 de dezembro de 1994) em duas horas e meia de espetáculo?

Recém-estreado no Teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro (RJ), cidade natal do maestro, Tom Jobim musical consegue retratar o percurso do gênio carioca em narrativa que vai dos 16 anos à morte ocorrida há 30 anos e apenas vislumbrada no texto de Nelson Motta e Pedro Brício. Tanto que nem importa a ausência de menções a álbuns essenciais como **Matita Perê** (1973) e **Urubu** (1976).

Em essência, está tudo lá na cena armada sob direção de João Fonseca com trilha sonora calcada em um dos cancioneiros mais sublimes do mundo. A soberania da obra de Jobim dá o tom de musical alicerçado na força de elenco capitaneado por Elton Towersey e Otávio Müller.

Em trabalho primoroso, Towersey evoca Tom Jobim em todas as fases da vida do maestro e impressiona por parecer captar a alma do artista tanto na vida quanto no canto de músicas como **Corcovado** (Antonio Carlos Jobim, 1960).

Müller – que já impressionara como Vinicius de Moraes (19 de outubro de 1913 – 9 de julho de 1980) antes mesmo da estreia, quando foi divulgada foto do ator já caracterizado com precisão como o poeta e parceiro fundamental de Tom – também apresenta magnífico trabalho de ator, mesmo sem ter vocação para o canto. Com chave cômica que jamais cai na caricatura, Müller faz rir com a simples entonação de uma frase.

Otávio Müller está presente em cena quase tanto quanto Elton Towersey porque, onde havia Tom, havia Vinicius, mesmo quando a parceria dos compositores – iniciada em 1956 com a criação da trilha sonora do musical **Orfeu da Conceição** quando Tom ainda ralava como músico nas boates e como arranjador nas gravadoras – perdeu o impulso inicial dos anos 1950 e 1960.

Em que pese a maestria das atuações dos dois protagonistas, **Tom Jobim musical** também se alimenta do talento do vasto elenco coadjuvante que

muitas vezes rouba a cena.

Lucas da Purificação vive momento apoteótico quando incorpora Jair Rodrigues (1939 – 2014) no canto enérgico de **O morro não tem vez** (Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, 1963) em número que lembra a opressão do povo brasileiro pela ditadura de 1964.

Analú Pimenta domina o palco como Dolores Duran (1930 – 1959) e, sobretudo, como Elza Soares (1930 – 2022), personificada pela artista com toda a bossa negra no canto jazzístico de **Só danço samba** (Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, 1962). Jon Black também seduz a plateia ao soltar o vozeirão para cantar **Manhã de Carnaval** (Luiz Bonfá e Antonio Maria, 1959) na pele do cantor Agostinho dos Santos (1932 – 1973).

Na interpretação de Elis Regina (1945 – 1982), Thainá Gallo personifica uma cantora apimentada nas cenas que reproduzem o embate travado há 50 anos entre Jobim e Cesar Camargo Mariano (Pablo Áscoli) em estúdio de Los Angeles (EUA) durante a gravação do álbum **Elis & Tom** (1974). Ao lado de Elton Towersey, Thainá Gallo brilha na reconstituição fiel do dueto de Elis e Tom na gravação do samba **Águas de março** (Antonio Carlos Jobim, 1972) para o disco cinquentenário. Já Gabriel Vicente é um Orfeu luminoso em cena valorizada pelos figurinos exuberantes de Theodoro Cochrane.

Como já ressaltado, o texto de Nelson Motta e Pedro Brício foca na arte maior de Tom. Detalhes da vida pessoal do artista – como o alcoolismo que se tornou um

dos vilões do casamento de Jobim com Thereza Otero Hermann, carioca nascida em 1930 e vivida por Bela Quadros, certa na pele da primeira esposa do compositor – são apenas mencionados em cena em tom fugaz.

A propósito, o fim do casamento de Tom com Thereza em 1978 gera medley dramático alavancado pelo **Soneto de separação** (Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, 1959).

No samba **Chega de saudade** (Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, 1956), estopim da bossa nova criada por João Gilberto (1931 – 2019), personagem confiado ao ator Jean Amorim, Otávio Müller incentiva na pele de Vinicius o coro do público em número que gera afinada comunhão entre artistas e plateia.

Já o canto poliglota do samba **Garota de Ipanema** (Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, 1962) – em sequência de números de tintas caricaturais – exemplifica o alcance da música de Tom e Vinicius, abarcando inclusive a recente apropriação do samba por Anitta.

Enfim, há muitos méritos em Tom Jobim musical que redimem o espetáculo de eventuais caracterizações menos fieis aos personagens vistos em cena e sobretudo de omitir o nome de Chico Buarque – o parceiro mais importante de Tom depois de Vinicius e de Newton Mendonça (1927 – 1960), este interpretado por Will Anderson e justamente louvado em cena como o coautor de *standards* como **Desafinado** (1959) e **Samba de uma nota só** (1960).

Acima de tudo e de todos, paira a grandeza da música soberana de Antonio Carlos Jobim, cantada e arranjada com reverência sob a batuta do diretor musical Thiago Gimenes.

Tom maior da produção, essa música imensa, atemporal e para sempre moderna enleva e deleita o espectador do grande espetáculo realizado pela Bonus Track e Barbaro! Produções através de acordo com a Jobim Music, empresa detentora dos direitos deste cancionero que, a partir de 1962, pôs o Brasil no mapa-múndi da música, fazendo de Tom o maestro desse país de imensas riquezas sonoras.

Elton Towersey e Otávio Müller em cena de 'Tom Jobim musical', espetáculo em cartaz no Teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro (RJ) — Foto: Divulgação / Facebook
Tom Jobim Musical